

A PESQUISA SOBRE TRABALHO E SABER DOCENTE NO BRASIL: PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS

Wanderson Ferreira Alves *

RESUMO

Os estudos sobre os saberes dos docentes parecem ter encontrado boa acolhida junto a importante parcela dos estudiosos que, no Brasil, se dedicam às pesquisas sobre os professores, sua formação e seu trabalho. Autores como Maurice Tardif, Donald Shön, Kenneth Zeichner, António Nóvoa se tornaram recorrentes na literatura do campo educacional e algumas de suas indagações e teorizações foram assumidas pela pesquisa acadêmica. O objetivo deste trabalho, de natureza teórica, é justamente o de examinar algumas das perspectivas que vêm informando os procedimentos metodológicos nos estudos sobre os saberes docentes e apresentar algumas contribuições que as disciplinas que estudam o trabalho, especialmente a Psicologia do Trabalho e a Ergonomia da Atividade, podem oferecer aos pesquisadores interessados em compreender o saber e o trabalho do professor. Conclui apontando para a necessidade de se pensar o ensino como atividade humana de trabalho, bem como a importância de conhecer e reconhecer que o trabalho é algo complexo e difícil de ser apreendido; ignorar isso é uma especial porta de entrada para que os objetivos sociais do trabalho de ensinar não sejam alcançados.

Palavras-chave: Saber docente – Trabalho docente – Método

ABSTRACT

RESEARCH UPON TEACHER'S KNOWLEDGE AND WORK IN BRAZIL: METHODOLOGICAL PERSPECTIVES

Studies upon teacher's knowledge have been well received by most Brazilian scholars who dedicate their research upon teachers' formation and work. Authors like Maurice Tardif, Donald Shön, Kenneth Zeichner, and António Nóvoa had become recurrent in the educational field literature and some of their investigations and theories had been adopted in academic research. This paper aims to examine some of the perspectives influencing methodological procedures in the studies on teachers' knowledge and to present some contributions from psychology of work and ergonomics. We conclude pointing out the need to think teaching as human activity of work as well as the importance to recognize that work is something complex and difficult to understand. To ignore this opens the door to not attaining the social objective of the work of teaching.

Keywords: Teacher's knowledge – Teacher's Work – Method

* Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Membro do GEPEFE-USP (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Formação do Educador). Endereço para correspondência: Faculdade de Educação da UFG, Rua 235 (Delenda Rezende de Melo), s/n, Setor Universitário – 74605-050 Goiânia/GO. E-mail: wandersonfalves@yahoo.com.br

Introdução

A discussão sobre os saberes dos docentes parece ter encontrado boa acolhida entre importante parcela dos estudiosos que, no Brasil, se dedicam às pesquisas sobre os professores, sua formação e seu trabalho. Autores internacionalmente conhecidos, como Maurice Tardif, Donald Schön, Kenneth Zeichner, António Nóvoa, dentre outros, se tornaram recorrentes na literatura do campo educacional brasileiro e algumas de suas indagações e teorizações foram assumidas pela pesquisa acadêmica. O objetivo do presente texto é justamente o de examinar algumas das perspectivas que vêm informando os procedimentos metodológicos nos estudos sobre os saberes docentes e apresentar algumas contribuições que as disciplinas que estudam o trabalho, especialmente a Psicologia do Trabalho e a Ergonomia da Atividade, podem oferecer aos pesquisadores interessados em compreender o trabalho e o saber dos professores.

O texto a seguir está estruturado em dois eixos: o primeiro corresponde a uma breve apresentação das abordagens que norteiam as investigações sobre os saberes docentes, momento em que são indicados alguns procedimentos metodológicos comumente utilizados e também inovações desenvolvidas pelos pesquisadores; o segundo eixo corresponde às contribuições teórico-metodológicas da Psicologia do Trabalho, particularmente os estudos de Ivar Oddone, e da Ergonomia de matriz francesa, nomeadamente com dois de seus reconhecidos autores, François Guérin e Alain Wisner.

Pesquisando os saberes dos professores: afinal, o que eles sabem e fazem?

A temática relativa ao saber docente vem-se desenvolvendo em âmbito internacional há várias décadas. Seu interior abriga um leque de temas (socialização profissional, desenvolvimento profissional, percursos biográficos e profissionais, pensamento do professor, comportamento do professor etc.) e uma diversidade de enfoques teóricos (behaviorismo, cognitivismo, pragmatismo, neo-marxismo etc.). Trata-se de um campo de pesquisas que congrega diferentes disciplinas oriundas das ciên-

cias humanas e sociais (Psicologia, Sociologia, Filosofia, Pedagogia etc.). Em um quadro tão diverso não causa espanto o fato de que os estudiosos do saber docente lançaram mão de um também diversificado conjunto de procedimentos metodológicos no desenvolvimento de suas pesquisas. De testes padronizados e pesquisas quase-experimentais até estudos etnográficos havia espaço para toda uma variedade de iniciativas.

No caso específico do Brasil, a discussão sobre os saberes dos professores recebe impulso com a publicação de *Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente*, texto de Tardif, Lessard & Lahaye publicado na Revista Teoria e Educação no ano de 1991. É possível nesse ponto objetar e afirmar que os estudos sobre os saberes já estavam constituídos em nosso país, quando autores, como Maurice Tardif, António Nóvoa e Lee Shulman, começaram a ter seus textos divulgados no Brasil. Sem dúvida, é difícil afirmar simplesmente que os professores e seus saberes eram temas ausentes nas pesquisas brasileiras na área da educação, mas é importante notar – e isso faz toda a diferença – que o saber docente não estava constituído como objeto de estudo e tampouco que as pesquisas não tinham, no geral, o intuito de valorizar a inteligência ou de procurar conhecer a inventividade, os modos de proceder e apreciar do professor no curso de desenvolvimento de seu trabalho. A tendência do campo pedagógico brasileiro nos anos 80, bem apontam Fiorentini, Souza Júnior & Melo (1998), foi o de destacar as carências e as negatividades das práticas dos professores.

Diversos estudos que apresentam sínteses, balanços ou investigações empíricas sobre a temática dos saberes docentes já foram produzidos e publicados. Não é o caso aqui de recenseá-los novamente, o leitor interessado poderá encontrar um farto material a esse respeito nos artigos que compõem o dossiê *Os saberes da docência*, publicado no número 74 da revista *Educação & Sociedade*, bem como acessar estudos que apresentam sínteses sobre o tema, como os trabalhos de Borges (2003), Gauthier (2006) e Alves (2007). Nos limites do presente texto, o interesse é, sobretudo, oferecer uma perspectiva panorâmica das grandes linhas de investigação

sobre os saberes dos professores, apontando suas proposições centrais, as técnicas e os instrumentos de pesquisa que convencionalmente utilizam. A exposição será assim esquemática, todavia, permitirá em grandes traços situar as tendências investigativas do campo.

Para tal tarefa, serão utilizadas as abordagens de pesquisa sobre o saber docente apresentadas por Borges (2003). O enfoque dado pela autora tem o mérito de ser suficientemente aberto no sentido de não produzir uma classificação excessivamente rígida, o que é sempre um risco nesse tipo de empreendimento. Borges aponta cinco grandes abordagens sobre os saberes: pesquisas sobre o comportamento do professor; pesquisas sobre a cognição do professor; pesquisas sobre o pensamento do professor; pesquisas compreensivas, interpretativas, interacionistas; e pesquisas que se apóiam na sociologia do trabalho e das profissões. Vejamos um pouco mais sobre cada uma delas.

1) *Pesquisas sobre o comportamento do professor*. Essas pesquisas são tributárias da psicologia de matriz behaviorista, sendo seu objetivo avaliar a eficácia do ensino a partir do impacto da ação docente sobre os alunos (busca por estabelecer correlações) uma de suas principais expressões. Orientam-se por uma visão funcional do ensino, concebendo o professor como um gestor do processo de aprendizagem que lança mão de conteúdos, métodos e põem em curso certos comportamentos mais ou menos eficazes. Dentre outros aspectos, essas pesquisas foram criticadas por não levarem em consideração os aspectos subjetivos na relação entre professores e alunos, bem como não observarem as particularidades das situações de ensino em sala de aula.

2) *Pesquisas sobre a cognição do professor*. Essa também é uma abordagem tributária da psicologia e que se desenvolveu a partir das críticas às pesquisas processo-produto. O foco central dessas pesquisas são os processos mentais, ou melhor, em sentido rigoroso, é a cognição dos professores. A principal preocupação é como os docentes, na situação de ensino-aprendizagem, processam as informações, como as articulam, conseguem utilizá-las, reutilizá-las e integrá-las às suas ações. Os saberes docentes são vistos como um conjunto de informações, símbolos, roteiros, esque-

mas de ação. O cognitivismo foi bastante criticado por sua estreiteza no modo de conceber o professor e por desconsiderar a dinamicidade do processo de ensino-aprendizagem, tomando-o como uma situação previsível.

3) *Pesquisas sobre o pensamento dos professores*. Os estudos sobre o pensamento dos professores talvez seja a abordagem mais difundida no âmbito dos estudos sobre os saberes dos professores. Assim como as abordagens anteriores, ela também possui vínculos com a Psicologia, nomeadamente com o enfoque cognitivo, todavia, ultrapassa as preocupações individualizantes e procura situar o professor em seu contexto, em seu cotidiano de trabalho. É uma abordagem de pesquisa influenciada também pela fenomenologia e pela etnometodologia, comportando estudos de enfoque psicossocial, sócio-crítico e sócio-construtivista. As pesquisas sobre o pensamento dos professores (*teacher's thinking*) se interessam por aquilo que os professores pensam e percebem, a preocupação é com as representações que os professores fazem a respeito de seu trabalho, da disciplina que ministram e a maneira como, no decorrer do processo de ensino, pensam e resolvem os problemas com que se deparam.

4) *Pesquisas compreensivas, interpretativas e interacionistas*. Essas pesquisas buscam investigar e evidenciar os pensamentos, as ações e interações dos atores sociais a partir do contexto em que estes estão inseridos e mediante um enfoque histórico e social. Existem pontos de contato com a abordagem anterior, algumas influências comuns (como a da etnometodologia), todavia, a perspectiva compreensiva ou fenomenológica não enfatiza os aspectos cognitivos, mas a linguagem, as metáforas, as narrativas, o sentido que os atores atribuem à sua disciplina, à sua profissão etc. A pessoa do professor aí ganha destaque, a experiência profissional é ressaltada ao passo em que se atribui 'voz aos professores'.

5) *Pesquisas que se orientam pelas contribuições da sociologia do trabalho e das profissões*. A especificidade dessas pesquisas é a procura por compreender a dimensão social do professor e de seus saberes, conferindo assim ênfase aos aspectos ideológicos, aos conflitos e às tensões que permeiam, de diferentes modos, o tra-

balho e a formação do professor. Essas pesquisas são influenciadas pela etnografia, pelo interacionismo, pela fenomenologia, retendo da Sociologia do Trabalho e da Sociologia das Profissões que o saber profissional é algo que se aprende na relação com o trabalho (no decorrer de um período relativamente longo, que é o processo de socialização profissional) e que as profissões são construções sociais que se inserem em um quadro de disputas por afirmação e legitimidade social.

Borges (2003) explica ainda que essas abordagens sobre o saber docente se encontram com diversos outros estudos no campo do ensino, se entrecruzando com pesquisas de enfoque histórico, pesquisas ligadas à Didática, aos estudos sobre currículo, às questões de gênero e, de minha parte, acrescento: aos estudos que investigam as mediações entre trabalho e saúde do professor. Ao que parece, estamos diante de um campo de estudos que não somente é vasto em si mesmo, mas que se infiltra e recebe infiltrações de várias correntes teóricas e metodológicas.

Em meio a tanta diversidade, os pesquisadores, ao desenvolverem seus estudos, utilizaram diferentes técnicas e instrumentos de investigação, por vezes fizeram uso de recursos convencionais, típicos à orientação epistemológica que sustentava suas pesquisas e, por vezes, tiveram que criar novas técnicas e procedimentos. Essa é uma questão importante, será preciso explicá-la melhor.

Algumas abordagens de pesquisa sobre o saber docente, como as pesquisas sobre o comportamento do professor, sustentadas pelo behaviorismo, para levar adiante seus objetivos, fizeram uso de testes padronizados: testes fundamentalmente quantitativos e que visavam, por exemplo, captar o número de interações feitas pelo professor durante uma lição, número de perguntas feitas ao longo de uma aula, dentre outros. Outras pesquisas, influenciadas pela fenomenologia e seguindo a linha etnometodológica, utilizaram a observação participante e entrevistas aprofundadas para conhecer o professor em seu contexto, conhecer os sentidos que ele conferia a sua profissão, a sua prática etc.

No conjunto, é possível arrolar uma quantidade significativa de técnicas e instrumentos empregados pelos pesquisadores para elaborar seus

estudos, tais como a observação, entrevista não dirigida, filmagens, histórias de vida, levantamentos, estudos de caso, grupos de opinião etc. Em algumas circunstâncias, no entanto, os pesquisadores se confrontaram com necessidades frente às quais o aparato metodológico disponível era insuficiente, daí a necessidade de adaptação e mesmo invenção de novos procedimentos metodológicos. Uma exigência posta, em certo sentido, pelo próprio objeto.

A título de exemplo, é possível citar a pesquisa realizada em escolas públicas do estado do Ceará por Therrien & Damasceno (2000). Nessa pesquisa, os autores buscaram articular a noção de *práxis* (VÁSQUEZ) à abordagem do professor reflexivo (SCHÖN) e à teoria do agir comunicativo (HABERMAS); bem como empregaram como técnicas e procedimentos a observação participante, filmagens (vídeos), utilizaram métodos biográficos (histórias de vida), estudos de documentação e entrevistas individuais e em grupos. Na verdade, entre as pesquisas sobre os saberes docentes os exemplos são vários, como: a pesquisa realizada por Manrique (2007) que procura, por meio de registros escritos elaborados pelos professores (memoriais), acessar seu saber experiencial e constituir ao mesmo tempo um processo formativo; a necessidade de produzir conhecimento sobre os professores, valorizar seus saberes e, ao mesmo tempo, intervir na realidade escolar vem também constituindo novas modalidades de pesquisa, este é o caso da *pesquisa-colaborativa* desenvolvida por Garrido, Pimenta & Moura (2000), que se funda na parceria entre universidade e escola; na mesma linha, segue o projeto desenvolvido por Mizukami (2003) que não somente utilizou recursos metodológicos convencionais (observação, narrativas, portfólios etc.), mas criou estratégias de acesso aos saberes dos professores e promoção de seu desenvolvimento por meio de projetos temáticos, configurando parcerias entre professores da universidade e da escola, denominadas de *experiências de ensino e aprendizagem*. Enfim, os exemplos são muitos e revelam os esforços dos pesquisadores na busca de melhor apreender o que os professores fazem e sabem, às vezes aliando o conhecer e o intervir ou, se se quiser, o conhecer intervindo.

Pelo que se pode depreender do exposto até o momento, vemos que os pesquisadores da área da educação têm se preocupado e centrado esforços na direção de melhor compreender isso que, um tanto vagamente, se denomina de saberes docentes. Nesse ponto, é oportuno destacar um importante desafio aos que se propõem a desenvolver seus estudos nesse âmbito e que pode ser formulado nos seguintes termos: Como é possível evidenciar o saber do professor? Mais que isso: sendo esses saberes articulados e, em parte, desenvolvidos no curso da atividade laboral, intrinsecamente ligados a ela, como é possível identificá-los? Os modos de proceder do professor, as maneiras de se comportar, de se expressar corporal e verbalmente estão eivados de saberes? Como? Se estão, como distinguir o que é uma idiosincrasia do sujeito e aquilo que faz parte de um saber profissional, produzido pelo coletivo docente? São questões simples, óbvias até, mas que comportam mais dificuldades que normalmente se imagina. Os pesquisadores que possuem experiência no estudo dos saberes dos professores entendem bem isso.

É relativamente fácil defender a existência de saberes da profissão docente, dizer que essa é uma profissão plena de saberes, que o professor desenvolve um conjunto de saberes que estruturam sua atividade e lhe dão segurança na sua ação. Contudo, apontar e classificar esses saberes é muito difícil, porque eles são constituídos em ação, ligados a juízos e decisões tomadas em situação (portanto, não são facilmente classificáveis), têm origem diversa no aspecto de filiação teórica e, também, estão associados à própria história de vida dos professores e à sua situação identitária. (GUIMARÃES, 2006, p.142)

Ora, estamos metodologicamente bem fundamentados para investigar o trabalho e o saber dos professores? Temos uma base de técnicas e procedimentos suficientemente sólidos para aceder aos saberes que circulam nas situações de trabalho dos professores nas escolas? De minha parte, entendo que, na área da educação, temos avançado em relação a esse ponto, mas a caminhada ainda é longa. É longa porque demanda, de um lado, enfrentar desafios epistemológicos, de outro, redimensionar o que se compreende por campo de estudos sobre os saberes docentes.

No tocante ao desafio epistemológico, a questão se refere aos fundamentos filosóficos e constitutivos do conhecimento, a partir dos quais os pesquisadores desenvolvem suas investigações. É preciso alertar para o risco de ecletismo quando, para se conhecer o trabalho dos professores, a filosofia de matriz pragmática é conjugada, sem mais, à dialética ou quando da ação (em DEWEY) se passa à *práxis* (no marxismo). Nesse terreno, não são as palavras que são diferentes, mas os contornos.

No que se refere ao redimensionamento do campo de estudos sobre os saberes docentes, a questão envolve afirmar o trabalho como eixo articulador maior das temáticas, o que permite agregar abordagens diretamente vinculadas aos aspectos pedagógicos e também às abordagens que articulam trabalho e saúde. É a articulação mais ampla entre trabalho, formação e saber que pauta tal perspectiva. Entendo que é sob tais balizadores que a noção de saber docente ganha sentido, pois esta não é uma discussão à parte das questões próprias ao mundo do trabalho, como igualmente não é uma questão à parte, como que completamente seccionada, dos desenvolvimentos e das preocupações que, desde meados do Século XX, instigam os estudos no campo da Sociologia do Trabalho e das Profissões, da Ergonomia e da Psicologia do Trabalho. A relação é entre particularidade e totalidade. É necessário assumir isso. O saber do professor é, antes de tudo, o saber de um trabalhador e é preciso tirar conseqüências desse fato.

Nessa direção, seria importante o diálogo com as diferentes disciplinas que estudam o trabalho. Essas disciplinas¹ possuem uma longa tradição, algumas delas com décadas de investigação sobre o trabalho, e poderiam contribuir teórica e metodologicamente com as pesquisas na área da educação, particularmente com o campo dos saberes docentes.

Sendo esta a aposta, a seção seguinte do texto é uma tentativa de fornecer algumas pistas para

¹ Além das disciplinas citadas anteriormente, vale mencionar as contribuições da lingüística articulada aos estudos sobre as situações de trabalho, com destaque para as investigações desenvolvidas no Brasil por Maria Cecília Pérez Souza-e-Silva e sua equipe na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A esse respeito, vide. Souza-e-Silva & Faíta (2002) e Machado (2004).

desdobramentos futuros. Antes de prosseguir e focar a questão propriamente metodológica, é preciso uma observação: as técnicas e os procedimentos no quadro de uma pesquisa estão subordinados às concepções de mundo mais amplas que as orientam, são seus fundamentos e projetos que guiam o procedimental e não o inverso. A técnica em uma pesquisa não é inteligível *per se*, não ganha sentido fora do quadro teórico que a envolve. Tendo feito esse esclarecimento, passo então ao próximo momento do texto.

Psicologia do Trabalho: as *instruções ao sócia* de Ivar Oddone

Como bem observa Clot (2006), os contornos da Psicologia do Trabalho ou, mais exatamente, o que ela congrega e as abordagens existentes em seu interior são objeto de intensa discussão. É possível falar aqui em perspectivas fundadas no cognitivismo, perspectivas que valorizam a subjetividade, em desdobramentos da Psicologia Ergonômica, da Psicopatologia do Trabalho, Psicodinâmica, em contribuições da Psicologia Histórico-Cultural, enfim, existem vários ângulos para se chegar aos debates na Psicologia do Trabalho (CLOT, 2006). Neste texto, concentro-me no problema dos métodos de acesso aos saberes que os trabalhadores movimentam em suas atividades laborais. Alguns estudiosos do campo da Psicologia do Trabalho vêm estruturando um corpo teórico-metodológico muito adequado para a investigação das atividades de trabalho e que, devido suas características, despertam interesse – refiro-me às *instruções ao sócia*, de Oddone, Re & Briante (1981).

O desenvolvimento do método das *instruções ao sócia* está ligado ao quadro sócio-político da Itália ao final dos anos de 1960 e a um contexto em que os autores buscam conferir outra direção de sentido para a Psicologia ao propor que esta estabelecesse interlocução com a experiência laboral de homens e mulheres.

Na apresentação de *Redécouvrir l'expérience ouvrière*, obra síntese de Oddone, Re e Briante (1981), Yves Clot comenta que o contexto em que Ivar Oddone e sua equipe desenvolvem suas pesquisas é o do “maio de 68” italiano, movimento que

por lá ocorre um pouco mais tarde, em 1969. No âmbito das questões atinentes ao mundo do trabalho, o quadro que circunda o referido período é o do fortalecimento das lutas por direitos e relações democráticas pelo operários. De modo mais preciso, no caso de Turin é possível situar todo um conjunto de novas relações que vão-se constituindo ao longo dos anos de 1960 entre médicos, psicólogos do trabalho e a organização sindical: é nesse contexto que as iniciativas de Oddone e seus colaboradores ganham sentido. Essas mobilizações e lutas nos anos 70 resultarão, dentre outros aspectos, na assinatura da convenção coletiva da metalurgia que previa o direito a que o trabalhador pudesse, em sua jornada de trabalho, gozar de 150 horas de formação, uma formação cultural, distinta assim da formação eminentemente profissional. Os estudos e processos metodológicos elaborados por Oddone foram desenvolvidos nesses seminários de formação sindical na Fiat de Turin.

Ivar Oddone, médico estudioso da Psicologia do Trabalho, estava preocupado com as questões relativas à saúde e ao meio laboral, mas seu interesse repousava sobre um fundo político, nomeadamente gramsciano, direcionado a contribuir com os trabalhadores, fortalecer suas lutas, evidenciar os saberes que o taylorismo tendia a obscurecer. Tornar o trabalho concreto, ainda que parcialmente, visível era então um imperativo, tendo em vista ampliar a potência das lutas dos trabalhadores. Mas, como levar tal empreendimento adiante? Como proceder para possibilitar aos operários re-dimensionar a compreensão de seu trabalho e o do coletivo de trabalhadores de que faz parte? Que estratégia utilizar para alargar a experiência do trabalho desses operários?

Inicialmente, Oddone e seus colaboradores buscaram simplesmente recolher as histórias de cada sujeito individualmente, mas esse empreendimento não foi bem sucedido: o operário participante tendia a idealizar suas descrições sobre o trabalho, o operário ‘enfeitava’, inclinava a descrição em direção a um modelo dominante do proceder, ou seja, em direção às regras abstratas (como na descrição ideal prescrita nos manuais e roteiros formalizados) do que às exigências e contradições vividas na realidade do trabalho. Nesses termos, o prejuízo era óbvio para os fins que norteavam Oddone e

sua equipe, pois certos constrangimentos da realidade e a experiência informal se perdiam. As instruções ao sócia foram desenvolvidas para o enfrentamento dessa questão, pois seu interesse era alcançar e reelaborar os saberes da experiência de trabalho dos operários.

Objetivamente, o procedimento consistia em solicitar a um operário voluntário que instruisse um suposto sócia. A seguinte pergunta nortearia o processo: se existisse uma outra pessoa fisicamente idêntica, perfeitamente igual a você, e essa pessoa amanhã fosse lhe substituir no trabalho, o que ela deveria saber e fazer para que ninguém percebesse a substituição?

O desdobramento da questão anterior era realizado a partir de quatro referências específicas: (1) a relação do trabalhador com a tarefa, (2) com os colegas de trabalho, (3) com a hierarquia e (4) com os sindicatos. É claro que não é possível eliminar completamente o problema da distância entre o comportamento descrito e o efetivo, o narrado e o realizado, mas isso, segundo os autores, poderia ser equacionado, por exemplo, com a escolha dos aspectos enfocados e o testemunho de outros trabalhadores. Os seminários, desse modo, serviam como um coletivo que coloca em exame, elabora e reelabora o experienciado no labor cotidiano.

O trabalhador, ao exercitar as instruções a um sócia e se concentrar nas indicações do como proceder, é instigado a desprender-se da primeira pessoa e apontar os implícitos da situação laboral, nesse ponto, o recurso ao *você deve...* mostra-se pertinente. O sócia é um outro fictício, um colega de trabalho idêntico que não sabe fazer o que ele (como especialista de sua área) sabe, mas que precisa saber para que o trabalho seja realizado. O que, em uma determinada situação de trabalho, é evidente para o sujeito que ali está todos os dias, para o sócia não o é. O que precisa ser realizado para ele não é nada óbvio. Para o sócia saber o que deve fazer, os implícitos e os modos de desenvolver a tarefa devem ser explicados, os modos de agir e se relacionar devem ser, minuciosamente, informados.

No curso desse processo anteriormente descrito, Oddone buscava alargar a experiência dos operários no sentido de potencializar suas lutas e a compreensão de seu trabalho. O desafio aí é enor-

me, visto que o trabalho não se torna mais visível simplesmente porque ele está sendo ‘observado’ por alguém e o próprio sistema social tende, como ensinava Marx, a se apresentar no capitalismo como *quase-natural*. Oddone não desconhecia sua árdua empreitada, contudo estava convencido de que uma importante abertura estava na produção de conhecimento que articulasse o saber conceitual com o saber dos trabalhadores, trabalho em conjunto entre pesquisadores e operários que, potencialmente, poderia redimensionar a Psicologia do Trabalho e conferir aos operários uma outra perspectiva sobre seus saberes e seu trabalho.

Ergonomia da Atividade: conhecer para transformar o trabalho

Alguns estudos que se aproximam de aspectos problematizados pela Ergonomia podem ser identificados ainda no séc. XVII e, mais precisamente, no início do séc. XX, com estudos elaborados por fisiologistas do trabalho do CNAM², na França, e do até então *Kaiser Wilhelm*, atual Instituto Max Plank, na Alemanha (WISNER, 1992). Todavia, é por volta da década de 1940, no contexto da II Guerra, que de fato é possível localizar o surgimento da Ergonomia, é que “As guerras, em virtude da situação da extrema necessidade que causam, são momentos de rupturas para certos princípios sociais que governam a Ciência” (WISNER, 1992, p.31). E de fato, ainda segundo o autor, situações novas foram experimentadas à medida que foi preciso enfrentar os problemas que a realidade impunha a todos e, nesse sentido, especialistas de disciplinas diferentes foram instados e trabalhar juntos e a direcionar o conhecimento para as situações concretas. A Ergonomia tem desde suas origens essa característica de ser um campo (ou uma arte que se fundamenta na ciência, como prefere Alain Wisner) que demanda a ação conjunta de várias disciplinas: Biomecânica, Fisiologia do Trabalho, Psicologia do Trabalho, Sociologia do Trabalho, Lingüística, dentre outras. A Ergonomia, conforme Wisner (2004), é uma disciplina que demanda sínteses.

² Localizado em Paris, o Conservatoire National des Arts et Métiers (CNAM) é uma das mais conceituadas instituições nos estudos sobre a Ergonomia.

Na França, a trajetória da Ergonomia foi sensivelmente diferente da perspectiva desenvolvida nos países anglo-saxônicos. Nesses países, a Ergonomia esteve ligada a uma base teórica e metodológica fundada em um certo modo de compreender a realidade social e o ser humano no trabalho. Foi a ciência positiva, desdobrada no behaviorismo, que marcou a abordagem inglesa e americana (emblemático disso é o recorrente uso da expressão *Human Factors*). Na França, a trilha seguida foi bem outra.

A abordagem francófona desde cedo manifestou seu desconforto com o recorte positivista, ao passo que muitos dos estudiosos da Ergonomia foram influenciados pela Psicologia de matriz soviética. Na França, a Ergonomia é, fundamentalmente, uma Ergonomia da Atividade. Em síntese, explica Wisner, isso significou uma construção diferente do objeto de análise: “O objeto da ergonomia britânica – e americana – é, em primeiro lugar, o equipamento: o da ergonomia francófona é muito mais enigmático, é o trabalho” (WISNER, 2004, p.44). Compreender o trabalho para transformá-lo, como resume o título da obra síntese de Guérin *et al* (2004), é a proposição fundamental da análise ergonômica.

É importante explicitar que a inflexão experimentada pela Ergonomia não se deu somente por razões teóricas, mas igualmente por aspectos muito concretos. É que as contradições próprias à análise das situações de trabalho parecem ter sido um dos importantes elementos fomentadores da referida perspectiva, pois os recursos teórico-metodológicos até então disponíveis pareciam não acompanhar o que, de fato, ocorria nas situações laborais.

Todavia, certos ergonomistas, pertencentes particularmente à ergonomia de língua francesa, descobriram que parte dos insucessos da ação ergonômica estava relacionada com o fato de confiarem na descrição do trabalho fornecida pela direção da empresa – a tarefa prescrita – enquanto na realidade os operadores tinham atividades bem diferentes – o trabalho real – decorrentes das exigências com as quais se deparavam na realidade. (WISNER, 1992, p. 32)

A questão acima referida, a da decalagem entre o trabalho prescrito e o trabalho real, será então central para a Ergonomia da Atividade. O

trabalho prescrito remete ao que é previamente firmado, portanto, a uma esfera na qual se indica o que precisa ser realizado (por exemplo, nos manuais técnicos, nas normas gerais de operação, nas orientações de segurança do trabalho etc.). O trabalho real remete ao que é efetivamente realizado, portanto, à esfera daquilo que se faz diante das especificidades, variabilidades e *constrangimentos*³ da situação de trabalho. No cerne de tudo isso, está a *atividade* dos trabalhadores. O trabalho prescrito precisa, inelutavelmente, passar por ela para que seja desenvolvido. Depreende-se disso uma conclusão universal em se tratando de trabalho humano: o trabalho real nunca será idêntico ao trabalho prescrito ou, em outros termos, “todo trabalho feito ‘como foi mandado’ é sempre, também, um ‘trabalhar de outra maneira’” (DI RUZZA; SCHWARTZ, 2003, p.4).

A Ergonomia possibilita uma visada sobre o trabalho, efetuada em situações bem delimitadas, que em conjunto põe em exame as *condições* em que o trabalho é realizado, os *resultados* a que se chega e a complexa dinâmica que enlaça tudo isso com a *atividade* do sujeito. O trabalho aqui é instância pessoal, remete sempre a pessoas, suas vidas e percursos, mas também é instância sócio-econômica com fins que transcendem o indivíduo e a ele se impõem. Nesse sentido, não se deve perder de vista que o trabalho é uma realidade social exterior ao indivíduo isolado (GUERÍN *et al*, 2004). A Ergonomia considera e articula essas duas perspectivas que, no contexto da relação entre capital e trabalho, são (em sentido dialético) eivadas de contradições.

O analista do trabalho sempre se confronta com a singularidade de uma pessoa que, no ato profissional, põe em jogo toda a sua vida pessoal (história, experiência profissional e vida extra-profissional) e social (experiência na empresa, identidade e reconhecimento profissional). Mas, ao mesmo tempo, defronta-se com o modo como essa singularidade fundamental é objeto de uma gestão sócio-econômica por parte da empresa: política social e gestão dos recursos humanos, tendo por “objeto” os tra-

³ No sentido de exigências postas, de demandas a serem cumpridas, de situações em que se é apertado. Nas publicações em Ergonomia, a palavra *constrangimento*, sem tradução exata na língua portuguesa, é comumente utilizada para expressar esse aspecto.

balhadores, a escolha das condições e objetivos de produção determinando o uso social dessa população. (GUÉRIN et al., 2004, p.17)

Como se nota, a Ergonomia da Atividade constituiu uma perspectiva que põe o ser humano ‘inteiro’ em relação ao trabalho. É o trabalhador e o quadro que o envolve que é precisamente delimitado e analisado, daí a imperativa necessidade (essa é outra característica da Ergonomia) da prudência e do não contentamento em, de fora, decretar o que se passa com as pessoas no trabalho. Para o especialista externo isso significa adotar o princípio de que o trabalho é algo que se realiza em contextos muito próprios, por exemplo, de disponibilidade de materiais, de constrangimentos de tempo, de características dos trabalhadores. Assim, se o interesse for o de compreender para transformar, será necessário se encontrar com as situações concretas e ver o que lá efetivamente se passa⁴.

Considerações finais

No presente texto, procurei apresentar um pouco das perspectivas teórico-metodológicas das pesquisas que perpassam o campo de estudos sobre o saber docente e recortam, de diferentes maneiras, os professores e sua profissão. Argumentei que tivemos avanços em relação ao corpo de técnicas e instrumentos utilizados nas pesquisas e que, para além dos recursos convencionais, as demandas impostas pelo próprio objeto exigiram que o novo emergisse. Assim, os pesquisadores se viram diante da necessidade de adaptações e mesmo de criar novos modos de produção de conhecimento. Não se deve ter dúvida, mesmo com dificuldades, existiram avanços nesse ponto. Todavia, se a procura é pela compreensão do que fazem e sabem os docentes, é razoável perguntar pelo que as disciplinas, que estudam o trabalho, produziram e produzem a esse respeito. Acredito que esse seja um caminho fértil, uma via importante para que se possa pensar e repensar a profissão de ensinar tanto no aspecto da prática formativa inicial e continuada, como no das situações de trabalho.

A abordagem da Psicologia do Trabalho e da Ergonomia da Atividade apresentadas têm forte vínculo com preocupações políticas e sociais, seus

autores procuraram constituir métodos de investigação que não somente produzissem conhecimento sobre a experiência do trabalho, mas que simultaneamente potencializassem a transformação do trabalho. As *instruções ao sócia* e a *análise ergonômica do trabalho* são métodos de se produzir conhecimento sobre o trabalho, não são os únicos métodos, não são as únicas vias de se conhecer a atividade laboral. O interesse de ambas as perspectivas é, ao mesmo tempo, modesto e desafiador. Modesto porque é preciso humildade frente à complexidade dos aspectos que envolvem o trabalho; desafiador porque estudar o trabalho é algo muito complicado, mas também politicamente importante e socialmente necessário.

O trabalho é algo complexo, mas é politicamente fundamental que os trabalhadores possam compreendê-lo melhor e que seus saberes sejam socialmente reconhecidos, como do mesmo modo é um imperativo social que atividade de uma empresa, de um hospital, do transporte público ou de escolas encontre eficácia em seus objetivos fixados socialmente. A contradição que perpassa tudo isso é que, em uma sociedade de mercado como a nossa, o bem comum, como se sabe, é obscurecido pelo interesse privado. Todavia, é importante ter clareza de que não se está melhor quando se desconhece o que reside sob o que denominamos de trabalho. A Organização Científica do Trabalho provou isso suficientemente. Não é demais lembrar que Taylor fez referência ao labor operário como o de um ‘homem boi’ e que Henry Ford, um pouco depois, dizia que seus operários podiam deixar a inteligência junto com o chapéu logo ao entrarem na fábrica.

Na área da educação, tal visão restrita do que é o trabalho também se apresenta. Embora críticas, a meu ver não insensatas, algumas indagações se impõem. Seria forçado dizer que, via de regra, as políticas educacionais, quando em ocasião de reformas no ensino, são movimentadas a

⁴ Bem entendido, ir ao trabalho concreto não significa acreditar que todas as respostas lá residem. O trabalho é uma realidade social. Portanto, a posição do trabalho concreto (em sentido dialético rigoroso) pressupõe o trabalho abstrato, por conseguinte os imperativos de uma norma política, ideológica e econômica que está e ultrapassa as situações particulares. Reconhecer isso, contudo, absolutamente não autoriza economizar esforços em compreender o que se passa nas situações laborais. Essa é uma importante lição da Ergonomia da Atividade.

partir de uma visão simples do trabalho? Se o trabalho é algo complexo, desconsiderar sua dinâmica não pode causar desfuncionamentos graves? Quem paga a conta quando os projetos fracassam? Para responder a essa última interrogação não é preciso ser muito imaginativo...

O que foi discutido no presente texto traz implicações em relação ao que vem sendo elaborado nas pesquisas e nos estudos sobre os saberes docentes. Falar de saberes sem encarná-los nas situações concretas de trabalho, enveredar pelos excessos do cognitivismo ou promover uma espécie de fuga em direção ao indivíduo⁵, destacando o do conjunto das relações sociais é tatear por uma perspectiva cuja potência para compreender e intervir sobre a realidade é, no mínimo, bastante limitada. Ensino é trabalho, não se deve perder isso de vista.

Nesse ponto, a Psicologia do Trabalho e a Ergonomia da Atividade têm o que dizer sobre o que fazem e sabem os professores mas, curiosamente, parecem sub-aproveitadas pelo campo da educação, embora mais facilmente possam ser encontrados em estudos no campo da saúde, nos

estudos sobre linguagem e na Engenharia da Produção. Nesse sentido, os limites e as possibilidades abertas por ambas as disciplinas em questão podem ainda ser explorados pelos educadores. Sem dúvida, ainda há muito que fazer nesse âmbito e o leitor interessado poderá encontrar em alguns autores brasileiros o fortalecimento dessa discussão, como nos estudos desenvolvidos por Vieira (2004), Alves (2009), Botechia & Athayde (2008).

Por último, é oportuno efetuar uma observação que, a julgar pelos caminhos até aqui percorridos, não é nada impertinente: se o trabalho humano for visto como uma mera evidência (algo manipulável, de contornos claramente identificados e sobre o qual não se precisa indagar), o empreendimento de compreendê-lo malogrará logo de saída, isto porque a concepção que se tem sobre o trabalho interfere no modo como ele será interpretado. Conservar o ‘espanto’ frente à *atividade* de trabalho é algo então fundamental. Como dizem os ergonômistas, o trabalho é sempre uma realidade enigmática. Nesses termos sim, vale a pena falar em saberes da profissão docente.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Wanderson F. A formação de professores e as teorias do saber docente: contextos, dúvidas e desafios. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.23, n.2, p.263-280, maio/ago. 2007.
- _____. **A formação contínua e a batalha do trabalho real**. 2009. 343f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2009.
- BORGES, Cecília M. **Os professores da educação básica de 5ª a 8ª séries e seus saberes profissionais**. 2003. 210f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação. Rio de Janeiro, 2003.
- BOTECHIA, Fabíola; ATHAYDE, Milton. Conversas sobre o trabalho sob ponto de vista da atividade: algumas abordagens metodológicas. In: BARROS, Maria E. B; HECKERT, Ana L; MARGOTO, Lilian (Orgs). **Trabalho e saúde do professor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 43-70.
- CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- DIRUZZA, Renato; SCHWARTZ, Yves. Da atividade militante à elaboração de saberes. **Education Permanente**, Paris, v. 154, n. 1, p. 1-9, 2003. Texto disponível em: www.ergologie.com. Acesso em: 15 de abr. 2008.
- FIORENTINI, Dário; SOUZA JUNIOR, Arlindo; MELO, Gilberto F. A. Saberes docentes um desafio para acadêmicos e práticos. In: GERALDI, Corinta M. G.; FIORENTINI, Dário; PEREIRA, Elisabete M. (Org). **Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)**. Campinas: Mercado das Letras, 1998. p. 307-335.

⁵ Nesse ponto, a observação de Resende é precisa: se tomada sem mediações, a retirada da história em direção ao indivíduo é a retirada do indivíduo da história (cf. RESENDE, 2009).

- GARRIDO, Elsa; PIMENTA, Selma G.; MOURA, Manoel O. A pesquisa colaborativa na escola como abordagem facilitadora para o desenvolvimento da profissão do professor. In: MARIN, Alda. **Educação continuada**. Campinas: Papirus, 2000. p. 89-112.
- GAUTHIER, Clermont. **Por uma teoria da pedagogia**: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Unijuí: EdUnijuí, 2006.
- GUÉRIN, François et al. **Compreender o trabalho para transformá-lo**. São Paulo: Edgard Blücher, 2004.
- GUIMARÃES, Valter S. A socialização profissional e a profissionalização docente: um estudo baseado no professor recém-ingresso na profissão. In: GUIMARÃES, Valter S. (Org.). **Formar para o mercado ou para a autonomia**: o papel da universidade. Campinas: Papirus, 2006. p. 129-150.
- MACHADO, Anna R. (Org.) **O ensino como trabalho**: uma abordagem discursiva. Londrina: Eduel, 2004.
- MANRIQUE, Ana L. Memórias na formação de professores: refletindo sobre experiências vivenciadas. In: ANPED Sudeste, 8, 2007, Vitória. **Anais...** Vitória, 2007. 1 CD-ROM.
- MIZUKAMI, Maria da G. N. A pesquisa sobre a formação de professores: metodologias alternativas. In: BARBOSA, Raquel L. L. (Org.). **Formação de educadores**: desafios e perspectivas. São Paulo: EDUNESP, 2003. p. 201-232.
- ODDONE, Ivar; RE, Alessandra; BRIANTE, Gianni. **Redécouvrir l'expérience ouvrière**: vers une autre psychologie du travail? Paris: Editions Sociales, 1981.
- OS saberes dos docentes e sua formação: dossiê. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano 22, n.74, abr. 2001.
- RESENDE, Anita C. A. **Para a crítica da subjetividade reificada**. Goiânia: EDUFG, 2009.
- SOUZA-E-SILVA, Maria C. P; FAÍTA, Daniel (Orgs.). **Linguagem e trabalho**: construção de objetos de análise no Brasil e na França. São Paulo: Cortez, 2002.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2005.
- TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude; LAHAYE, Louise. Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n. 4, p.215-133, 1991.
- THERRIEN, Jacques; DAMASCENO, Maria N. **Artesãos de outro ofício**: múltiplos saberes e práticas no cotidiano escolar. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Educação Cultura e Desporto do Governo do Ceará, 2000.
- THERRIEN, Jacques; LOIOLA, Francisco A. Experiência e competência no ensino: pistas de reflexões sobre a natureza do saber-ensinar na perspectiva da ergonomia do trabalho docente. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 22, n. 74, p. 143-160, abr. 2001.
- VIEIRA, Marcos A. Autoconfrontação e análise da atividade. In: FIGUEIREDO, Marcelo; ATHAYDE, Milton; BRITO, Jussara; ALVAREZ, Denise (Orgs.). **Labirintos do trabalho**: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 214-237.
- WISNER, Alain. Antropotecnologia. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 6, n. 16, p. 29-34, dez. 1992.
- _____. Questões epistemológicas em ergonomia e em análise do trabalho. In: DANIELLOU, François (Coord.). **A ergonomia em busca de seus princípios**: debates epistemológicos. São Paulo: Edgard Blücher, 2004. p. 29-55.

*Recebido em 30.05.08
Aprovado em 27.06.08*